

Expressão e produção de emoções no comércio do sexo

Expresión y producción de emociones en el comercio del sexo

Expression and production of emotions on sex commerce

Marina Veiga França¹
UFMG

Resumo: Este trabalho trata das emoções na prostituição e de sua importância nas interações corriqueiras entre mulheres prostitutas e clientes e, principalmente, nas relações mais duradouras que se desenvolvem com clientes fixos. Situa os sentimentos e seus arranjos como parte essencial do trabalho do sexo. Além disso, aponta a produção de outros tipos de emoções ao longo das interações com os clientes. As prostitutas exprimem desejo, gentileza, carinho e compreensão de maneira a atender e cativar os clientes. Quer como consequência da evocação e performance de tais emoções e atitudes de cuidado, quer pelos contatos e laços que se estabelecem nos programas, outros tipos de práticas e de sentimentos podem se desenvolver, tais como amizade, cumplicidade, atração física, prazer e mesmo amor.

Palavras-chave: emoção; prostituição; sentimentos.

Resumen: Este trabajo trata de las emociones en la prostitución y de su importancia en las interacciones cotidianas entre mujeres prostitutas y clientes y, principalmente, en las relaciones más duraderas que se desenvuelven con clientes fijos, lo que sitúa los sentimientos y sus arreglos como parte esencial del trabajo de sexo. Además, de apuntar hacia la producción de otros tipos de emociones a lo largo de las interacciones con los clientes. Las prostitutas expresan deseo, gentileza, cariño y comprensión de manera a atender y cautiva los clientes. Sea como consecuencia de la evocación y performance de tales emociones y actitudes de cuidado, sea por los contactos y lazos que se establecen en los programas, otros tipos de prácticas y de sentimientos pueden desarrollar, tales como amistad, complicidad, atracción física, placer y hasta amor.

Palabras-claves: emoción; prostitución; sentimientos.

Abstract: This paper aims on emotions in prostitution and its importance on ordinary interactions between prostitute women and their clients, mainly on their longer lasting relationships, developed with frequent clients. Our work locates the feelings and its arrangements as an essential part of working with sex. Besides, we indicate the production of other kinds of emotions over the interactions with the clients. The prostitutes express desires, kindness, care and comprehension, as ways to attend and captivate their clients. Either as a consequence of evocation and performance of those emotions and caring attitudes, or by the contacts and ties established on the calls, other types of practices and feelings may develop, such as friendship, complicity, physical attraction, pleasure and even love.

Keywords: emotion; prostitution; feelings.

¹ Doutora em antropologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Atualmente, pós-doutoranda na Faculdade de Educação de Minas Gerais (UFMG). E-mail: marinafr@gmail.com

Os termos “afeto”, “emoção” e “sentimento” são utilizados sem distinção de sentido entre eles, embora “sentimento” seja mais vinculado a uma tonalidade afetiva mais duradoura (Le Breton, 2004). Entendo as emoções como interpretações de situações ou eventos, reais ou imaginários, baseadas em um sistema de sentido e de valor, em uma “cultura afetiva”. As emoções estão associadas a sensações corporais, ideias e atitudes e se inscrevem em uma linguagem de gestos e mímicas, permitindo às pessoas darem sentido a sua ação e experiência e comunicá-las a outros. (LE BRETON, 2004; HOCHSCHILD, 2003a; ABU-LUGHOD; LUTZ, 2008)

Arlie Hochschild (2003a) sugere que as pessoas avaliam constantemente quais emoções são adequadas ao contexto em que se encontram e, guiadas por “regras de sentimentos”, realizam um trabalho de adaptação de suas emoções. Esforçam-se para demonstrar sentimentos apropriados, tentando modificar sua expressão comportamental, através de atos mais “superficiais”; ou através de um “jogo em profundidade”, buscando (muitas vezes de maneira não consciente) uma atuação mais profunda sobre o que sentem.

Segundo Hochschild, a interpretação das emoções de outrem e um “trabalho emocional” – conjunto de operações e atos que visam interferir, evocar, mudar ou apagar emoções – são principalmente necessários a profissões como o trabalho doméstico, o cuidado a crianças, a enfermagem ou a prostituição. Interesse, simpatia e, às vezes, ternura são necessários para lidar com as pessoas com quem trabalham. Mas sendo muitas vezes pouco recompensados em seus empregos, tais trabalhadores e trabalhadoras talvez percebam mais claramente os esforços emocionais deles exigidos e se perguntem mais frequentemente se aquilo que demonstram pelas pessoas de quem cuidam é realmente o que estão sentindo ou o que devem sentir.

Nos trabalhos que envolvem *care*², além do acolhimento, cuidado e afetuosidade serem importantes para o bom desempenho de certas tarefas, dando conforto e confiança à pessoa cuidada, também para o próprio trabalhador, o laço afetivo dá mais sentido à atividade e ajuda a torná-la mais suportável. “As relações entre amor e trabalho de *care* são complexas.” (MOLINIER, 2005, p. 305) Tendemos a considerar que o apego provoca o empenho no trabalho, mas, muitas vezes, ele lhe é secundário, contribuindo para preservar a saúde mental da trabalhadora.

Além disso, o contato com o corpo e com a subjetividade do outro não deixa afetivamente indiferente, como indica Molinier; provoca emoções diversas, às vezes contraditórias, como desejo, amor, aversão e nojo. Raramente há espaço no mundo do trabalho para tratar do trabalho emocional e das tensões por ele engendradas. Os atos que envolvem cuidado e afetividade geralmente não são considerados como parte do trabalho prescrito e são silenciados. O trabalhador pode se ver, por exemplo, dividido entre sentimentos diferentes ou perceber uma distância entre o que ele sente e exprime. (SOARES, 2003) De acordo com Pascale Molinier (2005), a invisibilidade das

² O *care* se refere a um conjunto de esforços e serviços que envolvem trabalho mental, emocional e físico, disposição, responsabilidade e disponibilidade ao outro. (MOLINIER *et al.*, 2009)

habilidades discretas (*savoir-faire discrets*) favorece a falta de reconhecimento do trabalho e pode acentuar a angústia e estresse dos trabalhadores e trabalhadoras.

Que o trabalho de *care* deva ser apagado enquanto trabalho, que ele não deva se deixar aparecer, contribui para que ele seja subavaliado no registro do *fazer* e sobre-avaliado no registro do *ser*. O trabalho de *care* é normalmente confundido com a feminilidade (a-mulher-dotada-para-o-relacional), ou com o feminino do homem; ele é percebido como um dom de si que seria uma emanção da alma e não como uma habilidade adquirida com a experiência. O trabalho de *care* é assim referido a ‘qualidades morais’ que são também ‘qualidades de gênero’ e que não podemos então codificar ou remunerar” (MOLINIER, 2005, p. 304)³.

A habilidade e aprendizagem profissionais são apagadas e as qualidades pessoais são colocadas em relevo. Em trabalhos tipicamente exercidos por mulheres, é comum que se exija das trabalhadoras qualidades e disposições interativas associadas ao feminino, como sensibilidade, gentileza, conciliação e preocupação com o outro. Algumas vezes, espera-se delas mesmo *flirt* e sedução, como no caso de secretárias (PIERCE, 2003), caixas de supermercado (SOARES, 1998) ou aeromoças (HOCHSCHILD, 2003b).

A feminização de uma série de trabalhos se fez congelando alguns aspectos dos papéis sexuais tradicionais. (HABER, 2005) Considera-se que as mulheres têm “naturalmente” qualidades relacionais e que seria “natural” o empregador exigir delas tais atitudes. Ora, como o teorizou Joan Tronto (2005), há aí uma inversão das presunções. As especificidades morais atribuídas às mulheres são justamente consequência de sua posição subalterna e das tarefas que lhe são imputadas. Além do sofrimento e da violência vividos com algumas demandas, as trabalhadoras podem ter uma saturação por desempenhar as mesmas atitudes no trabalho e na vida privada. A clivagem entre as duas esferas pode falhar com esse “duplo investimento psicológico” (MOLINIER, 2009).

Diversos trabalhos que envolvem *care*, atendimento a uma clientela ou aos padrões demandam, ao mesmo tempo, implicação e distanciamento. Aurélie Jeantet (2003) relata o que o esforço de funcionários de correios para manter a “boa distância” envolve compreender o que o cliente quer e se sentir envolvido com sua demanda; sem cair em uma proximidade exagerada, que os levariam a “se queimarem”.

O trabalho na prostituição tem similaridades com técnicas e atitudes exigidas tanto em trabalhos de *care*, quanto na área de serviços. A prostituição, como um comércio, exige interpretação da demanda do cliente, negociação de termos e tarifas e atenção à satisfação e fidelização do cliente. Além disso, aproxima-se de empregos como o de enfermeira, massagista, terapeuta, que implicam contato corporal e lidar com

³ Tradução minha. « Que le travail de *care* doive s’effacer en tant que travail, qu’il doive ne pas se laisser apparaître, contribue à ce qu’il soit sous-évalué dans le registre du *faire* et surévalué dans le registre de l’être. Le travail de *care* est en règle générale confondu avec la féminité (la femme-douée-pour-le-relationnel), ou avec le féminin de l’homme ; il est perçu comme un don de soi qui serait une émanation de l’âme et non comme un savoir-faire acquis avec l’expérience. Le travail de *care* est ainsi référé à des “qualités morales” qui sont aussi des “qualités de genre” et que l’on ne peut donc pas codifier ou rémunérer. » (MOLINIER, 2005, p. 304)

emoções. Como a prostituição é um comércio que envolve diversas intimidades – corporal, sexual, informacional e emotiva – qualidades relacionais e a conservação de uma boa distância são especialmente importantes.

Devido a esse tipo de esforços, muitas prostitutas se descrevem como psicólogas ou atrizes. Acolhem confissões, desejos e angústias e aprendem a manejá-los e a dar apoio emocional ao cliente. Devem ainda provocar um jogo de sedução e ser simpáticas. A “cultura emocional” da zona boêmia valoriza a educação e a afetuosidade, e incita as trabalhadoras a desempenharem qualidades tidas como femininas. Tentando adequar sua performance à situação, as prostitutas modificam seus sentimentos, mais ou menos profundamente, e são também afetadas pelas experiências e comunicações que vivem no cotidiano de trabalho.

A zona boêmia de Belo Horizonte

Este trabalho se baseia em minha tese de doutorado, principalmente no trabalho de campo que fiz na zona boêmia de Belo Horizonte, uma tradicional região de hotéis de prostituição.⁴ Os hotéis da zona boêmia, localizada no centro da cidade, são considerados de “baixa prostituição”, em razão dos baixos preços do programa, da grande rotatividade de clientes e da proveniência de grande parte das prostitutas e dos clientes de classes desfavorecidas. Há diferenças nas estruturas, tarifas e no perfil de prostitutas dos diversos hotéis, refletindo hierarquias sociais baseadas em geração, raça e classe, mas o funcionamento dos diversos estabelecimentos é semelhante. Aluga-se o quarto por dia ou turno e ali se espera pelos clientes.

O programa mais procurado é o de quinze minutos, incluindo “sarrinho, chupadinha e três posições”. Muitos programas acabam durando menos de quinze minutos. Assim, a maioria dos contatos entre prostitutas e clientes é rápido e impessoal. As regras, técnicas e vocabulários orientam seu trabalho e ajudam a estabelecer uma distância afetiva com os clientes. As trabalhadoras propõem geralmente serviços similares e têm modelos de interação pré-estabelecidos, mesmo se costumam adotar um estilo específico de atuação, dar um “toque pessoal” para atrair uma clientela.

A quantidade de programas que fazem por dia pode ir até mais de trinta, cada uma negociando individualmente os programas que quer ou não realizar. A repetição do mesmo script de interação com os clientes diversas vezes por dia, e a expressão de interesse e simpatia são apontadas por algumas trabalhadoras como cansativas. No entanto, algumas mulheres indicam que a espera de clientes (muitas vezes em pé, na porta do quarto) e a incerteza de ter dinheiro suficiente para pagar a diária do quarto podem ser mais estressantes e cansativas que a realização de diversos programas.

⁴ Até 2011, apenas mulheres alugavam quarto nos hotéis; atualmente, dois estabelecimentos alugam quartos para travestis. Apesar de ainda acompanhar as atividades na zona boêmia (e de ter realizado entrevistas com travestis que trabalham na prostituição de rua de Belo Horizonte e no Bois de Boulogne, em Paris), como minha pesquisa de campo foi realizada principalmente até 2009, circunscrevo este artigo à prostituição de mulheres. Muitas questões trabalhadas no artigo têm semelhança com a vivência da prostituição pelas travestis, mas para não apagar as especificidades de mulheres e travestis e devido ao maior contato com as primeiras, centrei minhas reflexões sobre elas.

Além disso, existe a opção de programas mais longos e de interação mais personalizada. A fidelização de clientes é muito comum e pode durar diversos anos. Alguns clientes preferem fazer programa com uma mulher que já conhecem, que atendem ao que eles procuram e com quem podem desenvolver mais intimidade. A fidelização ajuda a assegurar a renda das prostitutas frente à flutuação de movimento dos hotéis. Ainda, muitas prostitutas e clientes valorizam as relações em que há mais trocas intersubjetivas e intimidade, que tendem a crescer nos relacionamentos mais duráveis.

Tempo, um tratamento mais “caprichado” e um maior pagamento geralmente dado pelos clientes fixos contribuem para o aprofundamento das interações. Como diz Juliana, prostituta proveniente da Bahia: “Às vezes não é nem que a gente quer, eles mesmo gostam do tratamento. Gostam do programa e voltam. Aí, vai voltando sempre e cada vez a gente vai tratando melhor, e, pronto, se apegam!”. Os parceiros trocam confidências, acompanham os eventos da vida um do outro e mantêm às vezes um clima romântico nos encontros.

A fidelização pode levar a uma maior variação das atividades realizadas, como comer juntos ou sair do hotel, e da retribuição financeira, através de presentes, pagamento de contas ou móveis de que as profissionais precisam, ou mesmo montantes mensais fixos. Dessa forma, como o explicam as prostitutas, algumas relações se aproximam de uma amizade ou de um “casamentinho”. Modificando as regras do programa e, em alguns casos, deixando de negociar explicitamente suas condições, as profissionais devem ter mais atenção para não ultrapassar tanto suas barreiras profissionais, quanto pessoais.

A “boa distância”

Um aspecto mais íntimo ou romântico no programa torna as interações mais ricas e dão aos clientes a sensação de autenticidade. No entanto, modifica a atividade da prostituta, pois demanda mais trabalho emocional e investimento psíquico. As prostitutas se esforçam para manter uma equação entre lucro, intimidade com o cliente, seus próprios limites e bem-estar. Dosar a intimidade, achar a boa distância é algo que assinalam como um saber da prostituição, que contrastam com seu comportamento quando eram iniciantes. Tatiana não quer mais grande aproximação com seus clientes fixos:

Porque quando eu comecei, eu me envolvia muito com o cliente assim, sabe? Eles sabiam muito da minha vida. Nossa, eu não quero mais isso, que a cabeça fica confusa! Cada hora é um... sabe? Aí, aqui, também, eu tenho limites!

Algumas profissionais circunscrevem mais estritamente o programa ao quarto do hotel e não realizam programa fora e/ou não dão seu número de telefone ao cliente.

Eu prefiro levar uma relação bem profissional mesmo, né? Eu não gosto de envolvimento com o cliente fora do local de trabalho. Eu não dou telefone, eu não atendo em casa, eu não faço programa fora. Eu não gosto... [...] Eu não gosto de dar telefone, tal, porque eu faço questão de separar as coisas: vida profissional e vida pessoal. (Bárbara)

Bárbara tinha um namorado que não sabia que ela fazia programa, o que influencia seu rigor com a delimitação dos espaços, tanto pelo risco de ele descobrir sua atividade, quanto pela preocupação em diferenciar os dois tipos de parceiros. As pessoas estão constantemente delimitando e diferenciando os laços íntimos, principalmente aqueles que envolvem sexualidade, definindo nomes, práticas e transações econômicas específicas a cada um (ZELIZER, 2005).

Evitar de sair com o cliente fora da zona boêmia é também uma questão de segurança. Além do medo de assalto, evitar que o homem a deixe em casa previne problemas com clientes que desenvolvem uma fixação por elas. A delimitação dos tipos de programa e das práticas sexuais que cada profissional realiza também se relaciona à equação entre dinheiro, bem-estar e intimidade, além de variarem de acordo com a situação financeira da prostituta no momento e as características do cliente.

O sexo anal é particularmente emblemático quanto a esses fatores. Para diversas prostitutas, a aceitação do programa “completo” depende do dinheiro proposto, do tamanho do pênis do cliente, da interação com o cliente e do desconforto físico que sentem. Não é raro escutar a frase: “Não precisa sofrer tanto para ganhar dinheiro”. Muitas preferem se preservarem fisicamente e ganhar dinheiro com outras práticas. Outras mulheres elencam sempre o sexo anal como uma opção de programa e outras, ainda, são categóricas quanto a sua não-realização, por o ligarem a qualidades morais da mulher, por questões de saúde ou por o considerarem uma prática a ser realizada apenas com um parceiro pessoal.

Os sentidos sociais e pessoais atribuídos ao corpo e aos atos sexuais variam segundo os contextos sócio-históricos e também de acordo com o tipo de relação entre os parceiros. (LEAL, 1998; VANCE, 1992) De acordo com Elisiane Pasini (2000), é através do corpo que as prostitutas operam uma separação entre sua vida dentro e fora da prostituição: É comum elas não deixarem os clientes tocar alguma parte de seu corpo, não realizar algumas práticas sexuais ou, se o fizerem, ter algum “limite simbólico” que as diferencie de suas relações com seus parceiros pessoais.

Como em outros locais de prostituição (PASINI, 2000), na zona boêmia, muitas mulheres não aceitam ou não gostam de dormir com o cliente, beijar na boca, deixá-los tocar em seus seios ou fazer *cunnilingus*. O beijo na boca tem muitas vezes estatuto de tabu na prostituição e, efetivamente, é geralmente excluído do programa⁵, por ser considerado símbolo de intimidade, autenticidade e amor. (BERNSTEIN, 2007; PASINI, 2000; PRYEN, 2002) A fala de Ana aponta ideias ligadas ao beijo na boca assinaladas por diversas prostitutas que encontrei.

⁵ Com exceção de algumas configurações do mercado do sexo, como na prostituição de luxo contemporânea, com a *girlfriend experience*; modelo em que há alusão a um encontro amoroso e a conversa, o contato corporal e o beijo na boca são valorizados. (BERNSTEIN, 2007)

A maioria faz qualquer tipo de programa, menos beijar. Pelo amor de Deus, beijar, não. Beijar na boca é uma coisa muito... quando gostamos da pessoa ou quando estamos excitada, é muito pessoal. Beijar todo mundo, bocas sujas, não, não, não, pelo amor de Deus, seria quase pior que ser prostituta.

O beijo é da ordem do pessoal, associado a sentimentos de paixão ou de atração sexual. A imagem do beijo “massificado”, como parte do programa, provoca repugnância. Talvez, como o notou Freud, essa repugnância seja associada ao fato de que, despida do erotismo, a boca aparece apenas como a entrada do tubo digestivo. Muitas entrevistadas ressaltam também a questão da higiene e do risco de contrair doenças. Sobretudo, é uma importante barreira simbólica a não ser atravessada pelos clientes ou, mais ainda, não por todos os clientes.

Pois apesar das reações de aversão ao beijo na boca no programa, para grande parte das mulheres da zona boêmia, essa prática não é inegociável. Podem incluí-lo por questões comerciais, quando querem agradar um cliente especial, um homem oferece pagar mais por essa prática, ou quando percebem que com o beijo ele terá um orgasmo mais rapidamente, observando sempre o aspecto da boca para ver se parece saudável e limpa. Beijam também quando acham o cliente atraente ou estão excitadas. Duas jovens prostitutas falam sobre o beijo no programa em uma entrevista:

- Denise: Às vezes, beijamos, mas raramente! Eu, no meu caso, não sei ela, quando é um cliente de muito tempo... A gente não gosta de beijar, programa não tem beijo na boca, não.
- Catarina: Os homens querem beijar, chupar peito...
- Denise: Se o cliente for limpinho, se tiver com a boca bem limpinha, se ele for gostoso... às vezes, você beija. Mas é raro rolar beijo. Às vezes, eles também até perguntam quanto que cobra só pelo beijo... Beijo na boca não está incluído no programa, não. Às vezes, o cara está carente, a gente também, acaba beijando!
- Catarina: Às vezes, quer fazer um agradinho também para os clientezinhos... mas tem outros que...
- Denise: Nem pensar! A gente vira o rosto.

Dormir com o cliente tem uma lógica semelhante. Remete a uma prática da vida pessoal e implica ficar muito tempo com uma pessoa que “você não conhece, com quem não tem intimidade” (Joana). Várias mulheres relatam novamente repugnância de os homens a tocarem durante a noite ou querer relações sexuais quando elas estão tentando dormir. A aversão não está nos atos em si, mas por simbolizarem intimidade e por saírem do controle da profissional, com a mudança de configuração do programa, não podendo ser delimitados de acordo com tarifa e duração específicas.

Unir o útil ao agradável

“Seria nossa perda estar continuamente apaixonadas e realmente fazer Amor! Um pequeno orgasmo, sim, por aqui, por lá, não digo. Faz bem para os nervos, principalmente se não tempo amante, como eu. Não posso

subir ao sétimo céu com minha fotocopadora! Mas amor... não, isso é completamente diferente.” (Grisélidis Réal)⁶

A sexualidade das prostitutas está em princípio dissociada de seu trabalho. As prostitutas evitam se implicar com os clientes, até como forma de se preservarem. Algumas mulheres na zona boêmia dizem que não têm orgasmo⁷ no programa ou, muito raramente, ressaltando que aquela é sua atividade profissional e estão atentas a uma série de outras questões, como o dinheiro, os problemas de sua vida em geral, a satisfação do cliente, os clientes esperando no corredor e a segurança delas (com a possível tentativa do cliente tirar o preservativo).

Evocando argumentações correntemente ligadas à sexualidade feminina, explicam que isso exigiria que elas estivessem relaxadas e que o programa fosse mais longo, enquanto a maioria dos programas é rápido e voltado para o prazer do cliente. Algumas entrevistadas apontam a sexualidade feminina como complicada, pois a excitação sexual é lenta e necessita concentração. Remetem a uma concepção da sexualidade da mulher como mais passiva e problemática que a do homem, precisando de mais tempo e investimento. (JACKSON; SCOTT, 2007)

Isso implica muitas vezes tempo com preliminares e carinhos. Assim, aparece também a ideia da sexualidade feminina ligada à afetividade, com o difícil reconhecimento de um desejo sexual autônomo. (BAJOS *et al.*, 2002) Atualmente, tal afetividade não está necessariamente ligada ao “grande amor”, mas a uma forma ou outra de gostar, de atração pelo parceiro (MOSSUZ-LAVAU, 2002). Barbara foi a única de minhas entrevistadas a relatar uma iniciação sexual fora de uma relação durável, por curiosidade, mas diz não ter orgasmo no trabalho, apontando uma conexão entre sexualidade e afetividade:

Não precisa ser amor, tem que ter um sentimento especial, algo mais além do tesão. Porque isso aí é fácil de eu encontrar lá [na zona]... Se chegasse um cliente mais bonito, mais cheiroso, mais disposto a caprichar, acabaria acontecendo. Eu tenho essa coisa com a cabeça. Tem que ter um sentimento, pra ser legal, para ser gostoso, para a gente curtir.

Outras mulheres também privilegiam o sexo com afeto, mas sentem prazer no programa, às vezes muito frequentemente. Na zona boêmia, as prostitutas contam seus prazeres com humor umas às outras, o que contrasta com o trabalho do sexo em outros lugares, como na prostituição de rua na Augusta, onde gozar é usado como acusação de falta de profissionalismo entre as mulheres (PASINI, 2000).

⁶ Tradução minha: « Ça serait notre perte que d'être continuellement amoureuses, et de vraiment faire l'Amour ! Un petit orgasme, oui, par-ci par-là je ne dis pas... Ça fait du bien pour les nerfs, surtout si on n'a pas d'amant, comme moi. Je ne peux tout de même pas monter au 7^e ciel avec ma photocopieuse ! Mais de l'amour... non, ça c'est tout à fait différent ». Grisélidis Réal, *La passe imaginaire*, Éditions Many, 1992, p. 185.

⁷ Desde as pesquisas de Kinsey, o orgasmo é utilizado como medida do prazer sexual. (GIAMI, 1999) Ao longo do século XIX, nas sociedades ocidentais, o orgasmo se configurou como uma finalidade dos atos sexuais. André Béjin (1990) fala de uma “caracterização orgasmocêntrica da sexualidade”. Não estou limitando o prazer sexual ao orgasmo, mas partindo desse elemento para pensar a sexualidade das prostitutas.

Um das explicações do prazer sexual no programa dada pelas mulheres na zona boêmia é que há clientes que não lhes são indiferentes. Como coloca Vanessa: “A gente fica com, vamos supor assim, com 50 homens em um dia. Você acha que de 50 homens, nenhum vai mexer com você? Um mexe. Até cinco mexem.” Homens jovens, “limpos”, “bonitinhos” e “arrumadinhos” são geralmente apontados como os mais susceptíveis de lhes provocarem atração. Mas nem sempre os mais atraentes fisicamente são atentos ao prazer da profissional ou têm uma performance sexual que lhes agrade. Assim, outros fatores importantes são que os clientes “façam bem a coisa”, estejam voltados também para o prazer delas, e sejam carinhosos ou crie um clima de romance que as envolva.

Além disso, sobretudo para certas mulheres, o orgasmo não depende necessariamente do cliente com quem estão. Pode estar mais ligado a seu próprio estado sexual e afetivo naquele momento; citam, por exemplo, variações hormonais, uma excitação mais espontânea ou carência sexual. A falta de vínculo com o homem pode inclusive facilitar o orgasmo.

Fui gozar com um homem que eu nunca tinha visto na minha vida. E eu falei assim: “Gente, por que eu não gozo com namorado? Penetração com homem que eu gosto, não consigo gozar.” Aí, eu descobri por quê. Porque quando você gosta de um rapaz, quando a gente gosta de um homem, né, a gente quer, a gente fica preocupada em prazer a ele e esquece da gente. Não é? É assim. E outra coisa também, casal sempre tem briga, não tem? Na hora da relação, a gente vai e pensa nisso, aí atrapalha. Até hoje, é difícil eu gozar com homem assim, eu gozo mais com esses homens assim... O primeiro homem que eu gozei, é um homem que eu não tinha visto, era um homem que tava meio bêbado. Eu falei assim: “Gente, isso que é gozar, eu não sabia!”

Virginie Despentes (2006), escritora e cineasta francesa que já realizou programas, reflete que a liberdade de escolha de uma mulher fora da prostituição pode ser confusa, menos leve. Dessa forma, a prostituição seria também uma oportunidade da mulher dar uma volta do lado do sexo sem sentimentos, experimentar, sem culpabilizar por fazê-lo fora de uma relação de casal ou ter que fingir que ela o faz por puro prazer.

Na prostituição, mulheres que têm parceiro pessoal sentem mais dificuldade de aproveitarem do prazer sexual tranquilamente. Como apontou Elisiane Pasini (2000), se culpabilizam em gozar com o cliente pela ligação do gozo a um investimento afetivo, que delimita a diferença entre a relação sexual com o cliente e com o não-cliente. Juliana tem orgasmos com clientes, durante o coito ou um *cunnilingus*. Tem um namorado no Nordeste e, quando está trabalhando nos hotéis, fica tempos sem o ver.

A gente é bem profissional, a gente está mais preocupada com o dinheiro, quer ver o dinheiro entrar. Mas acontece de dar uma gozadinha assim, goza e... né? Às vezes, a gente até arrepende que gozou! Às vezes, a gente está com vontade mesmo e o cara tá metendo. Às vezes, o cara nem é bonito, mas está metendo gostoso... acaba gozando. Mas a gente até se arrepende. E têm uns que nem sabem... Aí, gozar com homem feio... a gente prefere gozar com o homem da gente, né? Nosso namorado.

Prepondera um vínculo da sexualidade feminina com os afetos. Preferencialmente, o prazer sexual se dá com parceiros pessoais estáveis. Mas quando o contexto do programa cria uma situação de romance ou há alguma forma de atração pelo cliente, o prazer pode se associar ao ato sexual. Além disso, há entrevistadas que apontam para um modelo de sexualidade mais próximo ao que é convencionalizado como sexualidade masculina. Assinalam “necessidade sexual” e desejos momentâneos, desvinculados de um parceiro. Prostitutas mais experientes e mais velhas falam mais frequentemente de um gozo sexual cotidiano. Aprendem a conhecer melhor seu corpo e sua sexualidade e, como assinala Marie-Elisabeth Handman (2006), têm maior maestria para não deixar que o proveito da relação sexual abaixe sua vigilância.

Emoções menos programadas – o amor

Virginie Despentes (2006) diz que o efeito de atração produzido pela prostituta produz um empoderamento, ligado ao jogo com a feminilidade, e essa sensação se torna viciante. O olhar e desejo dos clientes, os afetos e o poder exercido sobre eles toca a auto-estima e sensação de feminilidade da mulher. Prostitutas que encontrei retratam isso quando saem da profissão ou quando há uma queda na clientela, como o mostra a fala de Bárbara:

Quando começa a passar o aperto, que os programas não estão vindo, que os homens não estão querendo fazer o programa... aí, a gente já pensa: Ai, meu Deus, que mulher horrorosa que eu sou, nem aqui na zona, eles não estão me querendo.

O comércio do sexo evoca diferentes sentimentos e, portanto, não é uma atividade simples. Geralmente, apesar dos deslocamentos no programa, com a entrada de mais afetos e, às vezes, da sexualidade das prostitutas, a interação continua a ser claramente profissional. Mas apesar de, como o diz Grisélidis Real, o amor ser diferente de pequenos orgasmos aqui e ali, na zona boêmia, ele também bate à porta.

Muitos clientes declaram amor às prostitutas. Elas aprendem que são emoções do momento, sem consequências, e jogam também com as palavras. Mas alguns clientes se apaixonam realmente e prostitutas também se interessam por clientes. Nem sempre são correspondidos ou os parceiros desejam o mesmo tipo de relação, como é o caso de Carmem, que se interessou por um homem que conheceu nos hotéis:

Estava doida pra transar com ele! Estava doida para ele me cantar, mas ele não me cantava. Teve um belo dia, que ele estava na escada, aí eu cheguei, estava conversando com ele, falei assim “Ah, vou deitar!”. Aí, ele falou comigo “Ah, eu vou deitar com você”. Nem acreditei! Falou “Eu vou deitar com você”, eu falei “Uai, vamos!”. Eu achei que era brincadeira, quando eu vim, ele veio atrás de mim. Transamos, minha filha! De um jeito que eu gozei! Aí, eu continuei gozando, mas ele me pagando. E aí era toda semana! Toda semana, eu transava com o Denis, ele me pagava, mas eu tava apaixonada por ele. Tinha ciúmes dele!

Há casos em que a relação evolui dentro do hotel e outros em que, havendo uma atração ou sintonia quando se conhecem, acontece um convite para saírem. A maioria dos homens com quem as prostitutas dos hotéis de Belo Horizonte se envolvem são conhecidos no trabalho. Elas fazem diariamente novos contatos nos hotéis e o fato de costumarem alugar um mesmo quarto permite que o contato se repita. Profissões que implicam contato com grande clientela e sua repetição são, com efeito, fatores que favorecem a formação de casais (BOZON, 2002). A proximidade da classe social de origem de grande parte das prostitutas e dos clientes também faz com que esses engajamentos sejam mais comuns que em outros locais de prostituição.

Quase todas as prostitutas que encontrei já haviam se envolvido com um ou mais homens nesse contexto. Fabiana conta que o único cliente com quem teve coragem de sair foi o pai de seu filho, com quem casou e se separou, voltando a trabalhar nos hotéis.

Nunca fiz programa fora com outro homem, entendeu? Não me envolvi. O único homem com que eu tive essa coragem, assim... foi ele. [...] O Paulo tava tonto, bêbado. Chegou onze e meia da noite, quase fechando. Aí, eu peguei e gostei dele e ele de mim, e nos envolvemos. É difícil. Falo “Nossa Senhora, tinha que acontecer mesmo!” Eu estava precisando de alguém, a gente tem hora... ninguém é de ferro, né. E isso pode acontecer com qualquer uma, é o que mais acontece! Mas não é bom a gente se envolver assim não, viu! Assim a gente toma muito na cara!

Não entrarei aqui no desenrolar dessas relações, nas questões econômicas e amorosas que colocam em jogo. Mas muitas vezes as prostitutas se sentem mais vulneráveis quando começam a gostar de um homem. A paixão ou o amor as desestabilizam mais que relações com clientes, em que impõem seus limites.

Conclusão

Mercado de trabalho e intimidade não são esferas que se excluem, há diversas conexões entre eles. Por um lado, transações econômicas estão presentes na vida pessoal; por outro, emoções e intimidades fazem parte da esfera profissional. (ZELIZER, 2005) Cuidado, carinho e sedução são atuados diariamente no trabalho das prostitutas e o tornam mais estimulante. Além de algumas trocas interpessoais serem gratificantes para as prostitutas, elas acham sentido em seu trabalho⁸ por confortarem e aliviarem os clientes (e reforçarem o sentimento de masculinidade deles).

Muitas questões que a prostituição levanta são também questões importantes em outros trabalhos, como lidar com intimidades e com a subjetividade do outro, manter equilíbrio entre envolvimento e distanciamento com os clientes, as qualidades relacionais exigidas das mulheres (mas não remuneradas), o esforço repetitivo de algumas tarefas, garantir lucro e ao mesmo tempo agradar a clientela, além de pontos

⁸ O que não quer dizer que apenas valorizam sua atividade. Com a condenação social de que é alvo a prostituição, geralmente a percebem de maneira contraditória.

relativos à organização do trabalho em estabelecimentos que não são dirigidos pelas próprias trabalhadoras.

Por lidar com o corpo, fantasias, medos, confissões e sexo, a prostituição demanda especialmente a atuação de certas emoções e favorece a produção e imersão de outras. Há afetos solicitados no mercado do sexo, mas também aqueles que surgem de acordo com os contatos e interações. As prostitutas desenvolvem saberes para administrar a situação do programa e manter uma clivagem entre vida profissional e privada, mas isso não quer dizer que são impassíveis no trabalho. Essa clivagem não é absoluta. Dar visibilidade ao trabalho emocional e às múltiplas tarefas e habilidades requeridas na prostituição pode permitir reflexão e medidas para garantir melhores condições de trabalho para as trabalhadoras do sexo.

Referências

- BAJOS, N.; FERRAND, M.; HASSOUN, D. (2002). Au risque de l'échec : la contraception au quotidien. In: BAJOS, N.; FERRAND, M.; L'ÉQUIPE GINÉ (Eds.). **De la contraception à l'avortement : sociologie des grossesses non prévues**. Paris: Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale.
- BÉJIN, A. (1990). **Le nouveau tempérament sexuel : Essai sur la rationalisation et la démocratisation de la sexualité**. Paris: Editions Kimé.
- BERNSTEIN, E. (2007). **Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity, and the Commerce of Sex**. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- BOZON, M. (2002). **Sociologie de la sexualité**. Paris: Armand Colin.
- BRETON, D. LE. (2004). **Les passions ordinaires: anthropologie des émotions**. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- DESPENTES, V. (2006). **King Kong Théorie**. Paris: Grasset & Fasquelle.
- GIAMI, A. Cent ans d'hétérosexualité (1999). **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 128, n. 1, p. 38–45.
- HABER, S. (2005). Éthique du care et problématique féministe dans la discussion américaine actuelle : de C. Gilligan à J. Tronto. In: PAPERMAN, P.; LAUGIER, S. (Eds.). **Le souci des autres, éthique et politique du care** (p. 155-175). Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- HANDMAN, M.-E. (2006). La prostitution est un Art, un Humanisme et une Science. In: LANIEZ, G. (Ed.). **Grisélidis réel, La Nuit Écarlate ou Le Repas des Fauves** (p.141). La Rochelle: Association Himéros.
- HOCHSCHILD, A. (2003a). **The commercialization of intimate life: notes from home and work**. Berkeley: University of California Press.
- HOCHSCHILD, A. (2003b) **The managed heart: commercialization of human feeling**. Berkeley: University of California Press.
- JACKSON, S.; SCOTT, S. (2007). Faking like a woman? Towards an interpretive theorization of sexual pleasure. **Body & Society**, v. 13, n. 2, p. 95–116.
- JEANTET, A. (2003) L'émotion prescrite au travail. **Travailler**, n. 9, p. 99–112.

- LEAL, O. (1998) Cultura reprodutiva e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 376–392.
- ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. (2008). Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. **Language and the politics of emotion** (v.1). Cambridge; Paris: Cambridge University Press; Editions de la Maison des Sciences de l'homme.
- MOLINIER, P. (2005). Le care à l'épreuve du travail. Vulnérabilités croisées et savoir-faire discrets. In: PAPERMAN, P.; LAUGIER, S. (Eds.). **Le souci des autres, éthique et politique du care** (p. 299-316). Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- MOLINIER, P. (2009) Temps professionnel et temps personnel des travailleuses du care: perméabilité ou clivage? Les aléas de la «bonne distance». **Temporalités**, n. 9.
- MOLINIER, P.; LAUGIER, S.; PAPERMAN, P. (2009). Introduction. **Qu'est-ce que le care? Souci des autres, sensibilité, responsabilité** (p.7-31). Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- MOSSUZ-LAVAU, J. (2002). **La vie sexuelle en France**. Paris: Éditions de la Martinière.
- PASINI, E. (2000) Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, v. 14, p. 181-200.
- PIERCE, J. (2003). Les émotions au travail: le cas des assistantes juridiques. **Travailler**, n. 9, p. 51-72.
- PRYEN, S. (2002). Prostitution de rue: le privé des femmes publiques. **Ethnologie française**, v. 32, n. 1, p. 11-18.
- RÉAL, G. (1992). **La passe imaginaire**. Levallois Perret: Éditions Manyà.
- SOARES, A. (1998). Les qualifications invisibles dans le secteur des services: le cas des caissières de supermarchés. **Lien Social et Politiques - RIAC**, n. 40, p. 105-116.
- SOARES, A. (2003). Les émotions dans le travail. **Travailler**, n. 9, p. 9-18.
- TRONTO, J. (2005). Au-delà d'une différence de genre: vers une théorie du care. In: PAPERMAN, P.; LAUGIER, S. (Eds.). **Le souci des autres, éthique et politique du care**. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales ed. Paris: [s.n.], 2005. p. 25-49.
- VANCE, C. (1992). Pleasure and Danger: towards a politics of sexuality. In: VANCE, C. (Ed.). **Pleasure and Danger: exploring female sexuality** (p.1-27). London: Pandora.
- ZELIZER, V. (2005). **The Purchase of Intimacy**. Princeton: Princeton University Press.

Submetido em dezembro de 2014

Aceito em março de 2015